

O PREGÃO de S. NICOLAU

Recitado aos 5 de Dezembro de
1995, nas ruas e praças da cidade de
Guimarães pelo jovem nicolino

MANUEL JOSÉ BASTOS OLIVEIRA

e pelo autor dedicado à Exma. Sra.:

Maria Luísa Xavier de Carvalho

*Calai-vos, ó almas vivas da terra-berço !
Faça-se silêncio !
Acaso pensais que estais no Parlamento ?
O Pregão de S. Nicolau é de TALENTO !
Portanto, exige-se menos falamento !...*

*Minerva nossa deus da Sabedoria !
Resplandesce neste momento ao nosso culto
Pois sabe que encontra sempre em euforia,
seus discípulos rodeados de grande vulto !*

*Por estes tempos que vão correndo
Tão agitados por melodramáticas internacionais
Com pasmo e indignação vamos vendo
Não serem reconhecidos nossos valores Nacionais !
Como mosca presa numa teia
que não se solta após mil combates,
Portugal é enrolado na Europeia
que não reconhece o valor dos nossos tomates.*

*Desde Afonso o primeiro já se provou
que em tomates Portugal sempre foi forte
e nunca Português nenhum acreditou
que se pusesse em dúvida um mal de tal sorte !*

*Para Ti, que sofres, Timor
Ao capricho dos ventos,
Sem braços de mãe,
Em lar de tormentos,
Por injuriosa invasão de opressor,
Que se levante bem alto neste Pregão
Nossa voz de repúdio ao invasor,
Para que triunfe a Força da Razão !*

*Sem mão de amigo e por caminhos escabrosos,
Lá vai a criança iniciando cedo o seu tormento
Que enlaçada já na engrenagem dos poderosos
Perde futuro ganhando seu parco sustento !
Miserável vida a tua, ó criança !
Que conheces já o martelo da pedreira
Foge já de ti o brilho da Esperança
Morre já em ti a mocidade fagueira !*

*Ropeçai vós exploradores da infância
Nos mecanismos torpes da engrenagem
Calai em vós o egoísmo da ganância,
Dai ao trabalho a sua real imagem.*

*É altura da nossa Terra ser falada
Vamos submetê-la mais a uma prova
Para começar já não há tanta martelada
E sossegada está já um pouco a Rua Nova !
Se por um lado Egas Moniz sossegou
De não se ouvir constantemente o martelo
Afonso Henriques é quem agora se alertou
De tanto martelar já em volta do Castelo !*

Já se voa em direcção à Penha
Pois teleférico já anda em movimento
Não falta já quem se entretenha
A fazer dele um divertimento!
O engarrafamento já é velbinho
Ao qual a Câmara se marimba
Ou temos que conduzir com jeitinbo,
Ou nós... Pimba!

De esforços a nossa Polícia se empenha
Em torno da famigerada caça à multa
E depois o larápio que se entretenha
A filar o que de valor avulta;
E se o carro do zé povinbo fôr roubado
Por mariola tido do albeio
Diz a polícia ao dono: foi levado!
E que não entre mais em devaneio!

Já temos pronta a nova circular!
Que é um gosto vêr tão bem servida
De inumeros carros sempre a rolar,
Mas é preciso outra, com tal vida!
Também a droga é ponto de reflexão!
Proliferou também na nossa Praça!
Leva montes de jovens em turbilhão
Para caminbos próprios da desgraça!

Tomai tento jovens da seringa!
Voltaí atrás antes de ser tarde!
Bebei antes uma boa pinga,
E dizei à coca que se ajavarde!



Em prol da cultura houve sempre gente,
Mesmos em tempos de fortes convulsões,
Recordemos aqui os autos de Gil Vicente
Que encontraram um pai no Doutor Santos Simões!
Valores isolados têm aparecido,
Livros novos se têm apresentado,
Mas não se vê o valor reconhecido
A quem esforço intelectual tem dado!

Apoio teve o Porto no Coliseu
Guimarães terá que o ter no Jordão
Por isso a Câmara não perdeu
Reinvindicar no Governo a Razão!

Na bela igreja dos Santos Passos
Ornada de esculturas de Pedra
Há já quem diga que os Santos, dão passos,
Pois vêem-se quatro que fugiram sem regra!
Esperemos que não mais aconteçam
Tão insólitas andaduras
Para que nas ruas não apareçam
Todos os Santos em formaturas!



O Cavaco foi ao ar!
Sucedeu-o o Guterres!
Pois para bem mandar
Vai para lá quem tu queres!
Ainda é cedo para falarmos
do Governo que se teceu
Mas, sabemos sim, o que passamos
Com o cavaco que ardeu!

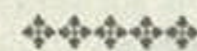
Este Verão foi um braseiro
De cavacos a arder
E Portugal foi o primeiro,
Na Europa, matas perder!
Que júpiter nos ajude
Em tão grande calamidade
E que os Deuses da Saúde
A curem da Enfermidade!

Nas finanças tudo vai bem,
Nunca se viu tanto pulmão,
O zé cheio o ouvido tem
De ouvir falar em tanto milhão!
Mas se isto são desafios,
à bolsa da população
Parem lá com os desvios
Que o dinheiro não é de graça!

gora, não interessa mais súplicas,
Nem preces ou orações
Pois sabemos que só nas públicas
Voaram 600 milhões!
Guterres tem que ter veia,
Porque o dinheiro tem asas
Se não quiser ver a Europeia
Cortar-lhe todas as vasas!

Na agricultura outro buraco
De dinheiros mal empregues
Mas já não tem haver com cavaco
Porque a herança é do Guterres!
No cavaco com pouco tento
E cercado de roedores
As leis eram fabricadas pelo Parlamento
E os ministros pelos corredores!

As Presidenciais estão à porta!
Soares vai dizer Adeus!
O zé Povinbo já não se importa
De votar no Mastroideus!
Em luta de corpo inteiro
Vão estar Sampaio e Cavaco
Um deles será o primeiro
O outro, segundo Naco!



Nosso Vitória é o maior
Lá diz a tradição
Pois a pagar é o melhor
E não deve nada à Nação!
Se ainda não deu moiro à costa
De campeonato não vencer
Também dívida não arrosta
E património bonito é de vêr!



*Apelo aos Deuses do Olimpo
Para que me ouçam neste prelúdio:*

*Resplandescentes crianças,
Rimas dispersas em danças.
Volateando suaves
Como aves;*

*Sonhos que a mirra perfuma,
Quimeras brancas de espuma,
De mil rubis de alvoradas
Coroadas;*

*Bandos de fadas errantes,
Cbusmas de arcanjos brilhantes,
Sombras de ignotas Ilírias,
Valquírias;*

*Voltai nas asas do idílio!
Rasgai as nuvens do exílio
Abri as asas cheirosas,
De rosas !!!*

*Dos verdes bosques sombrios,
Dos claros, límpidos rios
Trazei, sagradas redomas,
Aromas !*

*E os sons lúbricos das festas
Que vão troando as florestas,
Onde entre a luz vêem-se, em bando,
Cantando,*

*Naiades, mitos, assombrosos,
Ninfas de esplêndidos ombros,
Molbando de água nos veios,
Os seios !*

*Corda por corda de flores,
Nota por nota de amores,
A lira que morta cai-me
Banhai-me !*

*Chegai dos longes Eurotas !
Oh ! Cisnes, ibis, gaivotas,
De espuma !*

*Chegai-vos nuvens rosadas,
Nuvens de seda espalhadas,
Na luz vibrante e sonora
Da aurora.*

*Chegai-vos anjos dispersos,
Oh ! Anjos que encheis meus versos
Poesia, sombras cheirosas
De rosas !*



*Nicolinas gentis. Formosuras de vestal
Nicolinos machos, peludos e peitudos
S. Nicolau Sempre quiz, neste dia, por sinal
Que rufassem todos, mesmos os cabeçudos !*

*Faça-se das caixas e dos bombos nossa lira !
Atroem-se já os ares de rufos cânticos
Que o dia do pregão não se fira
De não ouvir já seus sons tunânticos !...*

*In vino veritas
José André de Oliveira*

Guimarães, Novembro de 1995